

# Bresser Pereira alerta para ataque especulativo

Entrevista a Sonia Araripe  
*Jornal do Brasil*, 12.05.2004

## **Ex-ministro defende redução do endividamento interno e externo**

A economia brasileira foi alvo, sim, de um ataque especulativo do mercado financeiro nos últimos dias. O alerta merece ser ouvido: vem de ninguém menos que o ex-ministro Luiz Carlos Bresser Pereira, assustado com a falta de motivos consistentes para uma disparada tão repentina do dólar e queda da bolsa nos últimos dias, interrompida pela correção de ontem.

- Não há fundamentos que justifiquem tamanho ajuste de preços da noite para o dia. Nem mesmo a perspectiva de alta dos juros americanos. O mercado agiu em efeito manada. Não chegou a ser algo orquestrado, mas os agentes exageraram na análise.

Isso não significa, no entanto, que o professor da USP esteja vendo céu de brigadeiro, como um otimista de plantão. De olho nos últimos indicadores macroeconômicos, o economista-consultor, sempre com agenda lotada, adverte que os endividamentos interno e externo estão muito além da conta. E, como uma bola de neve, a alta dos juros pressiona as contas públicas.

O drama, adverte Bresser Pereira, é que o mercado e os *rentistas*, como ele chama os investidores com aplicação corrigidas pelos juros, torcem pelos juros altos. E pressionam para evitar a queda dos juros básicos da economia, a chamada taxa Selic.

- A fragilidade da economia brasileira deriva hoje principalmente da taxa Selic, que continua a aumentar a dívida pública. Por isso, o Banco Central cometerá um grave erro se atender o mercado financeiro, que já elevou os juros futuros, e interromper a baixa da Selic, seja "para atrair capitais" ou "para baixar a inflação". Só estará alimentando o ataque irracional, que morrerá por si só.

O ex-ministro observa que parte do esforço está sendo feito na taxa de câmbio mais realista do que em 2002. Isso não é tudo, mas já é um início, opina Bresser Pereira. O problema, acrescenta, é que fica faltando um ajuste mais rigoroso nas contas externas e ainda bem mais profundo na dívida interna. Com a queda dos juros, sobrariam mais recursos para reduzir parte da imensa dívida (que já soma 57,4% do PIB) e também para investimentos públicos.

- Estamos gastando cerca de 10% do PIB apenas com o pagamento de juros. Se vier a forte queda que eu imagino ser possível da taxa básica, esta conta pode despencar para algo como 3% do PIB. Aí poderíamos pegar metade da economia feita e reduzir a dívida do governo. E uma parcela iria para investimentos públicos.

O professor da USP lamenta que até hoje não tenha havido uma redução mais expressiva dos juros. O diagnóstico do ex-ministro é de que o BC e a equipe econômica estão receosos.

- Falta coragem mesmo. Não tem outro motivo - crítica.

E respondendo aos que alertam para o risco da volatilidade alta, o professor da USP dá uma receita clara: é preciso reduzir o endividamento para que este indicador não tenha tanta importância como hoje.

- Os ortodoxos ficam tentando compatibilizar altos endividamentos com a volatilidade. Não é por aí. Temos é que reduzir as dívidas para que a volatilidade perca força - recomenda.